

AS EXPEDIÇÕES AO RIO MANDUVIRÁ*

A Marinha Imperial após a ocupação de Assunção

*A Marinha Imperial na Guerra do Paraguai
não foi só Riachuelo*

LUIZ EDMUNDO **BRÍGIDO** BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref^o)

SUMÁRIO

Introdução
Primeira expedição naval ao Manduvirá
Segunda expedição naval ao Manduvirá
Terceira expedição naval ao Manduvirá

INTRODUÇÃO**

Após quatro anos de conflito, os aliados chegaram, afinal, a Assunção, uma cidade abandonada. Nela Caxias entrou no **primeiro dia do ano de 1869**.

Nesse estágio da guerra, o Paraguai, como uma nação, estava completamente derrotado: praticamente sem Exército, sem Marinha, sem comunicações, sem sistema de

abastecimento, nada funcionando. Somente a persistência (ou vaidade?) de López em resistir até a morte, não importando o mal que ele próprio estava causando ao seu país, fez prolongar essa guerra por mais 15 meses, até finalmente ser morto por um lanceiro brasileiro em lugar ermo da cordilheira andina – Cerro Corá –, a **1ª de março de 1870**.

Seu carisma era tanto que, mesmo nessas precárias condições, conseguiu al-

* Este artigo é parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a Guerra do Paraguai, com o propósito de dar à massa da oficialidade uma visão geral, fácil de ser lida, ressaltando a participação da Marinha naqueles longos anos de beligerância, com a esperança de que os mais jovens se motivem para empreender novas pesquisas.

** Um resumo de todas as ações até a queda de Assunção encontra-se no artigo “O Segundo Dia D da Guerra do Paraguai”, na RMB do 1º trimestre de 2009, páginas 107 a 114.

guns milhares de soldados – a maioria de pouca idade e nenhuma experiência bélica – prontos para vender caro os últimos pedaços de terra paraguaia sob seu controle e a vida de seu chefe. Eram verdadeiros fanáticos!

Em linhas gerais, os aliados ocupavam uma larga faixa de terreno da margem esquerda do Rio Paraguai, de sua foz no Paraná até o paralelo de Assunção. Os paraguaios ainda resistiam no interior até a sua fronteira norte, dando lugar a alguns combates, como os de Rosário, São Pedro (ambos ao sul de Assunção), Tupi-hú, Peribibuí, Campo Grande ou Nhuguassu, Santo Estanislau, Naranjá, Tapitanguá, Rio Verde, Lamas-Ruguá e outros menores (a caminho da ou na cordilheira propriamente dita).

Da Marinha paraguaia, restava uma meia dúzia de embarcações escondidas nas entranhas do território, no Rio Manduvirá, que corre na direção geral de leste para oeste, indo desaguar na margem esquerda do Rio Paraguai, a cerca de 80 km acima de Assunção.

A Marinha Imperial engajou-se na operação de destruir os navios paraguaios por três vezes, dando lugar ao que eu chamei de “expedições navais ao Manduvirá”. Em todas elas, os navios brasileiros entraram pelo rio em pleno território ainda ocupado pelo inimigo, até não haver mais água para a navegação, ou seu curso obstruído, ficando os navios remanescentes de López, após uma fuga de qualquer maneira, além do alcance dos canhões navais brasileiros, mas também bloqueados.

PRIMEIRA EXPEDIÇÃO NAVAL AO MANDUVIRÁ

Ao pressentir a queda de Assunção, López mandou seus poucos navios restantes refugiarem-se no Rio Manduvirá.

Sabedor desse fato, Caxias determinou a Inhaúma que providenciasse uma expedição naval ao Manduvirá para eliminar de vez qualquer manifestação bélica de López no rio, por menor que fosse.

Às 5 horas do dia **5 de janeiro de 1869**, o chefe Delphim Carlos de Carvalho, o Barão da Passagem, herói de Humaitá, suspendeu de Assunção, chegando às 17 horas à foz daquele rio.

Sua força era constituída do Encouraçado *Baía* (capitânia), dos monitores *Alagoas*, *Ceará*, *Pará*, *Piauí* e *Santa Catarina* e das canhoneiras *Ivaí* e *Mearim*.

No reconhecimento que fez, Passagem considerou não ser prudente a entrada no rio com o encouraçado e com as canhoneiras, pois o rio era muito estreito, bem como as canhoneiras não eram encouraçadas e tinham o casco de madeira, e o território ainda estava sob o controle paraguaio.

No dia seguinte, Passagem transferiu-se para o *Santa Catarina* e com os outros monitores entrou no rio e começou a subi-lo – o chefe tinha que liderar seus comandados!

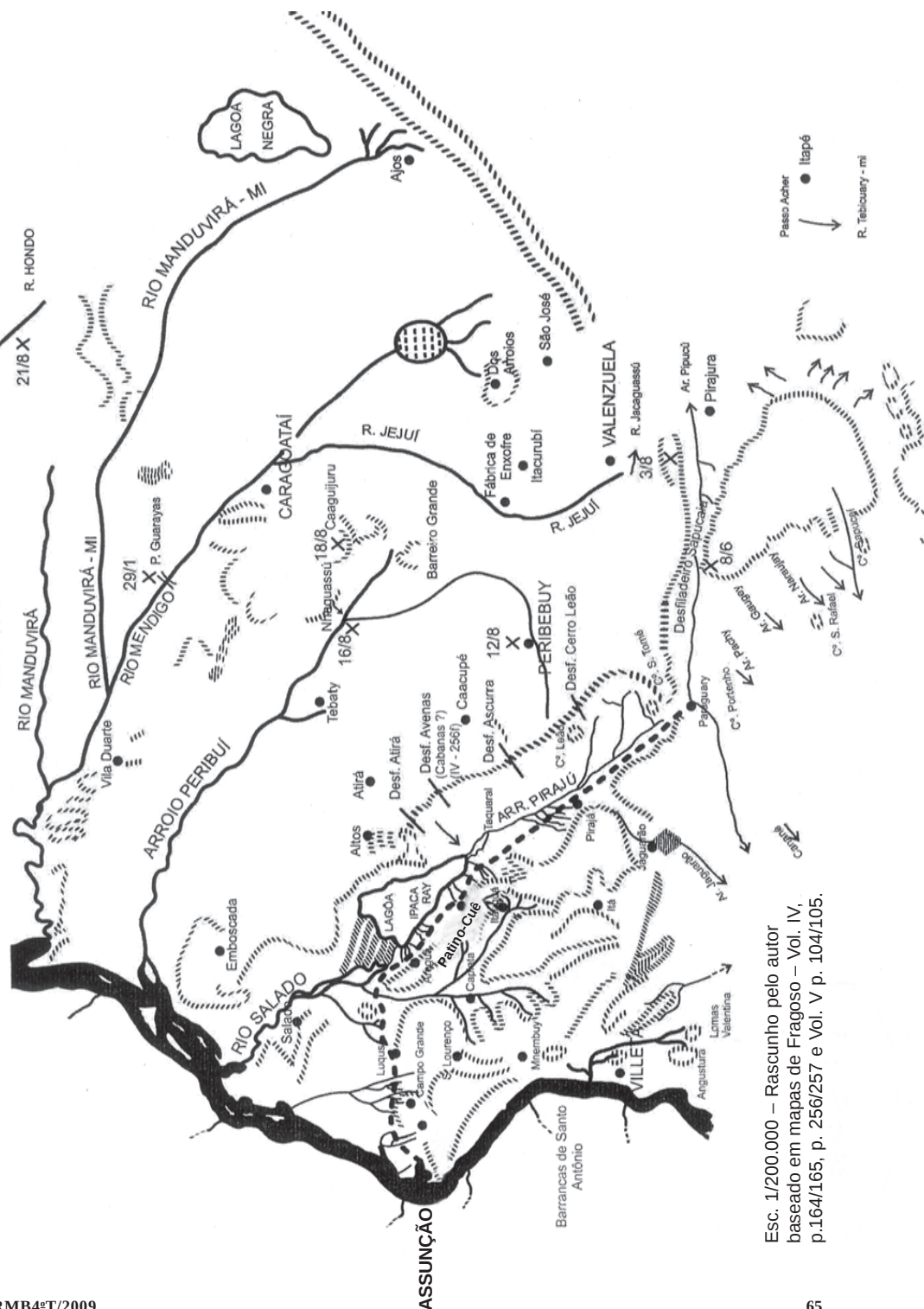
“Navegou com muita dificuldade mais de 140 km até o escurecer, batendo, por vezes, de encontro a árvores e barrancas. Às 16 horas, avistou, a grande distância, os vapores inimigos. Pareciam ser seis navios. Deu-lhes caça, mas eles fugiram a toda força, abandonando chalanas e escaleres (que foram metidos a pique), bem como três dos navios que levavam a reboque; dentre eles, um vapor novo, o *Coititeí*, e o patacho *Rosário*.”¹ (Fragoso)

Às 19 horas, já estava escurecendo e o inimigo entrou por um afluente mais estreito ainda; Passagem decidiu fundear para passar a noite.

Às 7 horas do dia seguinte – **7 de janeiro** –, Passagem e seus monitores reiniciaram a caça. Por três horas (30 km) os navios de Passagem subiram o afluente atrás dos

PLANTA DA CAMPANHA DA CORDILHEIRA

- PARTE INICIAL -



Esc. 1/200.000 – Rascunho pelo autor
baseado em mapas de Fragozo – Vol. IV,
p.164/165, p. 256/257 e Vol. V p. 104/105.

paraguaios, que iam deixando obstáculos para dificultar a navegação dos brasileiros que, marinheiramente, iam se esquivando de todos eles, até que se apresentou um navio afundado transversalmente ao rio, fechando completamente a passagem.

Com isso, os paraguaios evitaram a sua destruição, mas também eles próprios ficaram bloqueados, sem significar, daí em diante, a mais leve ameaça aos aliados.

Como retroceder se não havia largura suficiente para a manobra? Restou descer o afluente com máquinas dando atrás e com elas manobrando o navio.

Todos chegaram de volta à foz, no Manduvirá, à 17 horas do **dia 8**.

SEGUNDA EXPEDIÇÃO NAVAL AO MANDUVIRÁ

Em **janeiro** de 1869, por se acharem doentes, Caxias foi substituído pelo Conde D'Eu e Inhaúma pelo chefe de esquadra Elisiário Antônio dos Santos, o Barão de Cotegipe.

Inhaúma, ao chegar ao Rio de Janeiro, faleceu (em 18 de março de 1869).

Em **abril de 1869**, o Conde d'Eu, já no comando das forças aliadas, determinou a Elisiário que organizasse uma segunda expedição naval ao Manduvirá para destruir os navios restantes de que López ainda dispunha.

A expedição reuniu os monitores *Ceará*, *Piauí* e *Santa Catarina* e as lanchas a vapor *Jansen Müller*, *João das Botas* e *Couto*. Comandava a expedição o Capitão de Fragata Jerônimo Francisco Gonçalves*, embarcado no *Santa Catarina*, e os navios, respectivamente, Primeiro-Tenente Antônio Machado Dutra, Primeiro-Tenente Carlos Balthazar da Silveira, Primeiro-Tenente Severiano Nunes, Segundo-Tenente Afonso Rodrigues de Vasconcelos e Pri-

meiro-Tenente Gregório de Paiva (o da *Couto* não temos o nome).

A flotilha partiu na madrugada de **18 de abril de 1869** rio acima. Nas águas do Manduvirá seguiram-se 60 a 70 léguas (360 a 420 km) “até divisar, a duas milhas de distância, os vapores e o patacho que em janeiro tinha sido metido a pique para obstruir o canal e a entrada do Rio Caraguataí”² (Diário do Exército), [que dava acesso à cidade de mesmo nome, ainda em mãos paraguaias].

Para verificar pessoalmente, Jerônimo Gonçalves passou para uma lancha, aproximou-se e verificou que o *Paraguari* fechava completamente o Rio Caraguataí.

Prosseguiu então Manduvirá acima com sua flotilha. “A navegação foi franca, e de sol a sol, até o **dia 25**, às 16 horas, quando se reconheceu não ser possível prosseguir mais pela fraca profundidade do leito, estrutura e brusca sinuosidade do canal”³ (Relatório do Ministro da Marinha de 1870).

Desde o **dia 21**, foi a expedição “acompanhada a distância por forças da cavalaria inimiga”.⁴ (Fragoso)

No **dia 24**, a expedição passou pela retaguarda de um acampamento paraguaio.

Como o rio baixasse diariamente de um a dois pés, Jerônimo Gonçalves decidiu retroceder, no **dia 25**, até a um passo que atravessara naquela manhã. De lá avistava-se perfeitamente, a cerca de uma légua, a vila de Caraguataí e os mastros dos vapores inimigos.⁵ (Furlan)

Destacou as duas primeiras lanchas para levar as notícias ao seu chefe imediato, Capitão de Mar e Guerra Vitorio José Barbosa da Lomba – comandante da 1ª Divisão –, e pedir carvão e outros recursos para seus navios.⁶ (Fragoso)

Tendo ouvido barulho de golpes de machado e sinais de derrubada no mato, e re-
ceando ser cortado pela retaguarda, reti-

* N.A.: Nome que terá bastante importância nacional no início do período republicano.

rou-se na **noite de 26**. Os monitores e a *Couto* **desceram de popa**, visto a estreiteza do rio.⁷ (Fragoso)

“Desde logo embaraços foram-se apresentando: ora grossas vigas atravancavam o rio, ora eram árvores possantes cuja rama achava-se entressachada de cipós e ervas para enredarem as hélices e pearem o seu movimento. O *Ceará* ia, porém, na vanguarda, e sua maruja limpava a corrente, traçando o caminho aos vapores que lhe seguiam a esteira. Em todo o **dia 28** navegou-se a jusante com toda a força a ver se ficava transposto o Passo de Quaraió, onde as lanchas, na sua volta, haviam sofrido fogo de entrincheiramento; contudo, a noite caiu, e só no dia seguinte pela manhã é que se efetuou a passagem. O passo fortificado com uma bateria a barbete de duas peças, uma grande trincheira guarnecida por 1.100 homens*, três cabos de manilha sustentados por carretas com vigas e árvores atravessadas formavam aí uma defesa respeitável. Ainda é o *Ceará* que abre caminho, avança a todo vapor, estanca por momentos pela resistência dos cabos, rompe-os, porém, corta com seu choque as ramas enredadas e mais abaixo espera sobre rodas os seus companheiros de penosa viagem. Esses, debaixo de fuzilaria, não se fazem esperados; dois torpedos, que o inimigo lança, não arrebentam, e toda esquadrilha se reúne, deixando longe as fortificações de terra.”⁸ (Diário do Exército)

Em seguida, a esquadrilha subiu novamente o rio e bombardeou a trincheira inimiga. Jerônimo Gonçalves desembarcou um contingente de 80 homens que conseguiu cercar um grupo de paraguaios e fez cinco prisioneiros (dois oficiais).

Tendo em vista a grande diferença numérica em favor dos paraguaios e a possibilidade de o inimigo cortar a retirada (lem-

brete: a região ainda estava dominada pelos paraguaios), Jerônimo Gonçalves mandou recuar o destacamento e o reembarcou; em seguida reiniciou a descida do rio, o que ocorreu sem incidentes.⁹ (Fragoso)

Resquin conta que López, sabedor da audaciosa expedição, mandou um capitão de fragata à frente de um batalhão de Marinha, juntamente com um regimento de cavalaria, para cortar a retirada dos brasileiros no Passo de Jecaió (ou Geraio)¹⁰. Não conseguiu seu intento.

“Por aviso da Secretaria de Estado da Marinha de 14 de maio de 1869, de nº 3.061, foi mandado louvado por sua Majestade o Imperador como comandante da Expedição de Manduvirá pelo acerto e valor que demonstrou.” (Da Caderneta Histórica do Comandante Jerônimo Gonçalves)

TERCEIRA EXPEDIÇÃO NAVAL AO MANDUVIRÁ

Como pensava-se que pelo Manduvirá navios podiam chegar a Caraguataí, onde poderiam apoiar os esforços terrestres, foi decidido enviar navios até lá.

A **17 de agosto**, o comandante em chefe Elisiário Antônio dos Santos mandou que a Canhoneira *Iguatemi* com três lanchas a vapor (*Inhaúma*, *Juquiri* e *Tebicuari*) subissem o Manduvirá; no Passo Orqueta ficou a *Iguatemi*, continuando as três lanchas até o local onde o vapor paraguaio *Paraguari* encontrava-se afundado, a 90 km da foz. Passaram a noite junto à *Iguatemi*. No dia seguinte, vão mais além, até o Passo Garaio, bloqueado por um muro de pedra de três metros de espessura. Conseguiram abrir uma passagem e prosseguiram até perto do passo Gonzalez. Já aí encontrava-se o pequeno vapor *Lindóia*, de cujo mastro podiam-se avistar seis navios paraguaios.

* N.R.: Lembrar que o rio era estreito e, portanto, os navios estavam ao alcance daquele milhar de fuzis.

Vendo-se atacados e perseguidos pelos brasileiros, os paraguaios “lançaram fogo aos vapores que se achavam por perto para não ficarem em nosso poder”¹¹. (Parte de Elisiário dos Santos)

Estava assim destruído o último resquício da Marinha paraguaia.

Essa foi a participação final da Marinha Imperial na Guerra do Paraguai.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS> / Guerra do Paraguai ;

NOTAS

- (1) FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, Imprensa do Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, Brasil, 1934, v. IV, p. 149.
- (2) DIÁRIO DO EXÉRCITO in FRAGOSO ib, v. IV, p. 180 e 181.
- (3) RELATÓRIO DO MINISTRO DA MARINHA in FRAGOSO ib, v. IV, p. 181.
- (4) FRAGOSO ib, v. IV, p. 181.
- (5) Ib, ib.
- (6) Ib, ib.
- (7) Ib, ib.
- (8) DIÁRIO DO EXÉRCITO in FRAGOSO ib, v. IV, p. 182.
- (9) FRAGOSO ib, v. IV, p. 182.
- (10) RESQUIN in FRAGOSO ib, v. IV, p. 182.
- (11) SANTOS, Elisiário dos in FRAGOSO ib, v. IV, p. 318.

BIBLIOGRAFIA

- (1) FRAGOSO, Augusto Tasso (General de Divisão). *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Rio de Janeiro, Brasil: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934 (5 volumes com 1.873 páginas).
- (2) THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*. Assuncion, Paraguay: [s.n.], 1869 (1ª edição em Buenos Aires), 266 páginas.